



01 a 04 de
OUTUBRO
EVENTO GRATUITO

IV SIELLI

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA

A VARIAÇÃO DO /R/ EM CODA EXTERNA: UMA ANÁLISE VARIACIONISTA DA FALA VILABOENSE

*THE VARIATION OF /R/ IN EXTERNAL CODA: A VARIATIONIST ANALYSIS OF
VILABOENSE SPEECH*

Carlos Fernandes Alves (UEG)¹

Marília Silva Vieira Pereira (UEG)²

Resumo: O presente artigo pretende, à luz dos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]), analisar a variação do /R/ em coda externa na comunidade de fala de cidade de Goiás, antiga capital do estado, levando em consideração fatores linguísticos e extra-linguísticos. O método dessa corrente linguística consiste na coleta e análise de dados por meio de entrevistas gravadas, nas quais são registradas amostras de falas espontâneas e, partir delas, pesquisar e identificar fenômenos linguísticos. O trabalho a seguir é um recorte de uma pesquisa mais ampla que investiga a variação sociolinguística do /R/ em diferentes contextos e grupos sociais dessa comunidade. Para fundamentar nossas discussões, utilizamos como referencial teórico Labov (2008), Amadeu Amaral (1976), Monaretto (1992a, 2000b, 2002c), Callou, Moraes e Leite (1996a, 1998b), Ricardo (2022) e outros que compõem o arcabouço teórico. Para análise, de cunho quantitativo-qualitativo, foram utilizadas quatro entrevistas do *corpus* coletado por Bernardes (2020). Os resultados indicam que, entre as 78 ocorrências do /R/ em coda externa, 63,7% apresentam cancelamento do rótico, 22% correspondem à variante retroflexa e 14,3% à variante aspirada.

Palavras-chave: Sociolinguística. Coda Externa. Róticos. Goiás.

Abstract: This article aims, in light of the theoretical and methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (Labov, 2008 [1972]), to analyze the variation of the /R/ in external coda position in the speech community of Goiás City, the former capital of the state, considering both linguistic and extralinguistic factors. The method in this linguistic approach involves data collection and analysis through recorded interviews, in which spontaneous speech samples are captured. From these samples, linguistic phenomena are examined and identified. This study represents a portion of a broader research project investigating the sociolinguistic variation of /R/ across different contexts and social groups within this

¹ Mestrando em Língua, Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina (POSLLI/UEG). Professor de Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação de Goiás (SEDUC-GO). E-mail: carlosfnds18@gmail.com.

² Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do curso de Letras e no Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina. E-mail: vieirasmarilia@gmail.com.



community. To support our discussions, we use Labov (2008) as a theoretical reference, alongside Amadeu Amaral (1976), Monaretto (1992a, 2000b, 2002c), Callou, Moraes, and Leite (1996a, 1998b), Ricardo (2022), and others that comprise the theoretical framework. For quantitative-qualitative analysis, four interviews from the corpus collected by Bernardes (2020) were used. The results indicate that among the 78 occurrences of the /R/ in external coda position, 63.7% show rhotic deletion, 22% correspond to the retroflex variant, and 14.3% to the aspirated variant.

Keywords: Sociolinguistics. External Coda. Rhotics. Goiás.

INTRODUÇÃO

A variação linguística é o fenômeno de estudo da Sociolinguística, que discute a diversidade da língua em diferentes contextos sociais, geográficos, históricos e culturais. Nesse sentido, a língua passa a ser não somente um conglomerado de regras gramaticais, mas um reflexo da identidade, das práticas sociais e dos valores de uma comunidade.

O português brasileiro (PB) é um desses exemplos de língua diversa, pois, em uma mesma localidade – do sentido amplo ao restrito: país, região, cidade ou bairro – é possível encontrar diferentes formas de falar, refletindo as características de uma comunidade, sejam elas de ordem social, cultural ou regional. Por outro lado, essa diversidade nem sempre é vista com bons olhos, não por considerar a riqueza linguística que ela representa, mas por, muitas vezes, estar associada a preconceitos e estigmas de uma sociedade.

Como exemplo disso, temos o /R/ retroflexo, falado em algumas localidades do Brasil, inclusive em Goiás. No entanto, esse som ainda carrega o estigma, porque está associado ao sertanejo e às camadas menos favorecidas da sociedade. Claramente, essas noções têm diminuído à medida que novos estudos são feitos e a compreensão da diversidade linguística se amplia. Hoje, há novos entendimentos sobre esse traço linguístico marcante.

Nesse contexto, o problema de pesquisa desse trabalho gira em torno de identificar quais são os condicionantes linguísticos e não linguísticos que influenciam na variação do /R/ em coda externa na cidade de Goiás. Partindo desse pressuposto, este artigo procura analisar, à luz da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]), a variação do /R/ em coda externa na



comunidade de fala da cidade de Goiás. O estudo foca nas diferentes realizações dos róticos, levando em consideração variáveis sociais, como sexo/gênero, faixa etária e escolaridade, bem como fatores linguísticos, como o contexto fonético precedente e classe morfológica.

Além disso, o trabalho busca explicar como essas variáveis controlam as variantes. Ao considerar esses aspectos internos e externos, esperamos entender não apenas as mais recorrentes nas falas dos informantes, mas como essas escolhas podem influenciar no processo de mudança ou na preservação da identidade linguística de Goiás. Com isso, este artigo contribui para compreensão, também, das dinâmicas (sócio) linguísticas do falar goiano, com o objetivo de ampliar o arcabouço de pesquisas dessa área.

A pesquisa segue a abordagem quantitativa e qualitativa, ou seja, mista, conforme pontua Paiva (2019). A princípio, os dados foram extraídos do *corpus* de fala coletado por Bernardes (2020), isto é, selecionamos as palavras que continham os róticos em coda final e distribuímos em uma planilha, para verificar, posteriormente, como eles se comportam. Na sequência, quantificamos as ocorrências e organizamos por meio de tabelas e gráficos. Por fim, do ponto de vista qualitativo, analisamos as ocorrências conforme as variáveis e contrastamos com algumas pesquisas da área.

O artigo está estruturado em três seções. A primeira, traz um traçado teórico sobre os estudos da variação do /R/ no Português Brasileiro (PB) e suas principais abordagens. Autores como Amadeu Amaral (1976), Monaretto (1992a, 2000b, 2002c), Callou, Moraes e Leite (1996a, 1998b), Cristóvão Silva (2013), Ricardo (2022), Labov (2008) compõem essa seção. Na sequência, são descritos os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, incluindo a descrição do *corpus*, os critérios de seleção dos participantes, e os procedimentos para coleta e análise dos dados.

Por fim, a terceira seção traz a análise e discussão dos dados sobre a variação do /R/ em coda externa encontrados no *corpus*, explorando as diferentes variantes observadas e suas correlações com variáveis sociolinguísticas como idade, gênero, e contexto social. As considerações finais sintetizam os apontamentos feitos durante todo o trabalho.



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com Ladefoged e Maddieson (1996), as consoantes róticas são representadas ortograficamente pelo fonema /R/ e podem ser produzidas por diferentes modos de articulação, nas quais se destacam os vibrantes (trills), tepes (taps ou flaps), fricativas e aproximantes, ao passo que são articulados em vários locais do aparelho fonador.

O grupo dos róticos desperta vários questionamentos nas pesquisas fonológicas, principalmente devido à diversidade de segmentos inseridos no mesmo grupo. De acordo com Maddieson (1984), os róticos são comuns, sendo que 76% das línguas do mundo descritas possuem esse tipo de consoante, mas em apenas 18% delas apresentam variações. Isso significa que haverá contrastividade, dependendo do local onde ele estará.

Do mesmo modo, essa complexidade fonológica em agrupar em um mesmo grupo com traços semelhantes faz com que os róticos sejam alvos de diversos estudos, devido sua variabilidade. As pesquisas de Amadeu Amaral (1976), Monaretto (1992), Callou, Moraes e Leite (1996a, 1998b), Cristóvão Silva (2013) dentre outros deram robustez ao campo desse estudo sociolinguístico.

No Português Brasileiro (PB), quando se trata dos sons de /R/, reporta-se aos contrastes fonêmicos do “r fraco” e o “r forte”. Cristóvão Silva (2013) discute que essa dualidade só acontece em posição intervocálica, como acontece em “caro/carro”; “careta/carreta”. Por outro lado, em outros contextos, como no caso da coda, os róticos podem assumir um comportamento extremamente variável como aponta Monaretto (1992) ou até passíveis de cancelamento, ou seja, a não pronúncia do /R/.

O cerne deste trabalho é analisar as variantes do /R/ em posição de coda, isto é, na posição periférica da sílaba, na posição externa, na fala de moradores da Cidade de Goiás. As pesquisas feitas até agora apontam que a variação do /R/ está relacionado com a região do Brasil, principalmente na posição da coda, como pontua Callou, Moraes e Leite (1996, p. 465) “o fonema /r/ apresenta, em posição de coda silábica, um elevado grau de polimorfismo, prestando-se, exemplarmente, à caracterização da variação no português do Brasil”.



Os autores acima analisaram dados do /R/ em coda em cinco capitais brasileiras: Porto Alegre (Callou, Moraes e Leite, 1996), São Paulo (Callou, Moraes e Leite, 1996), Salvador (Callou, Moraes e Leite, 1996), Rio de Janeiro Callou, Moraes e Leite, 1996) e Recife (Callou, Moraes e Leite, 1996). Em cada uma delas foi identificadas variantes diferentes. Em São Paulo e Porto Alegre, encontraram o retroflexo e o tepe, respectivamente. Enquanto em Salvador e Rio de Janeiro, a vibrante fricativa velar e, por fim, no Recife, a presença da fricativa glotal. Com isso, verifica-se que os fatores condicionadores contribuem para a variação nas comunidades de fala.

Um estudo realizado por Ricardo (2022) em um conjunto de cidades metropolitanas de Porto Alegre (RS) trouxe resultados interessantes para esse campo. O intuito da pesquisadora era analisar se a distribuição das variantes róticas em coda encontradas nessas cidades guardavam relação com a capital, ora analisada por Monaretto (1992). Como resultado, Ricardo (2022) mostra que o /r/ retroflexo apareceu somente em 10,7% dos dados analisados, demonstrando um status, ainda, periférico da variante. Por outro lado, ao comparar com dados de Porto Alegre, a presença da variante retroflexa ainda é maior do que o 5% encontrados por Monaretto (1992) na capital.

Uma outra pesquisa basilar foi a de Amadeu Amaral (1976), que analisou o /R/ retroflexo como uma das características marcantes do dialeto caipira. Ele observou que essa realização é comum nas áreas rurais do sudeste do Brasil, especialmente em São Paulo e Minas Gerais e, com o tempo, essa variante desapareceria, decorrente do processo de marginalização do caipira, o que não aconteceu. Pelo contrário, torna-se mais frequente no PB.

O Atlas Linguístico do Brasil (ALiB/2014), um empreendimento acadêmico e cartográfico cujo objetivo foi mapear a realidade linguística do Brasil sob as óticas fonética-fonológica, prosódica, semântico-lexical e morfossintática, apresenta dados das realizações fonéticas de /R/ em coda interna e externa das capitais brasileiras. Na capital de Goiás, Goiânia, a realização da fricativa glotal e da vibrante retroflexa na coda interna e externa é mais frequente, além do apagamento nos verbos em posição de coda externa.

Na condição de coda externa, principalmente em verbos do infinitivo, as pesquisas de Linares, Peixoto e Moreira (2008) e Callou, Moraes e Leite (1998), estão em consenso sobre o apagamento do /R/, esses últimos ainda afirmam que tal cancelamento era característico de pessoas



não cultas. Por outro lado, atualmente, essa noção não pode ser mais considerada, uma vez que se tornou comum na fala de pessoas de diversas camadas sociais.

Nesse contexto, o ALiB construído por Cardoso *et al* (2014) não dá conta do panorama linguístico de todo um estado. Nosso estudo se insere nessa lacuna, de tentar compreender em como acontece a variação dos róticos em coda externa no interior do estado, sobretudo, na antiga capital, Goiás, e analisar as influências da história e da cultura no arcabouço linguístico da cidade, seguindo as premissas da Sociolinguística Variacionista de Labov (2008, p. 21):

[...] ponto de vista do presente estudo é o que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sócias estão esperando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo.

Nesse sentido, verificaremos nesse trabalho como os róticos sem comportam em coda externa na fala de quatro moradores da Cidade de Goiás, com base no *corpus* coletado por Bernardes (2020) e analisaremos quais categorias sociodemográficas colaboram para a variação.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse trabalho consiste em uma análise a partir das perspectivas quantitativa e qualitativa, no que diz respeito à variação dos róticos em coda externa numa amostra de dados da cidade de Goiás. Paiva (2019) denomina esse tipo de pesquisa como mista, geralmente denominada quali-quanti, “de forma a oferecer melhor compreensão do fenômeno estudado” (p. 13).

Nosso *corpus* é constituído de quatro entrevistas gravadas com moradores da cidade de Goiás. Esses informantes estão divididos entre sexo/gênero (masculino e feminino), escolaridade (Ensino Médio e Ensino Superior) e faixa etária (20 a 35 anos e 36 a 50 anos). As gravações foram feitas seguindo o roteiro semiestruturado e motivado pelo diálogo entre entrevistador e informante, seguindo a método de Labov (2008).

Do mesmo modo, essas entrevistas fazem parte de uma amostra maior coletada por Bernardes (2020), construída no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociolinguística da



Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina. Além disso, esse trabalho funciona como um recorte de uma pesquisa em andamento.

Embasado nos pressupostos da primeira onda da Sociolinguística, este estudo analisará a variação do /R/ em coda externa com base nas variáveis linguísticas (contexto fonético precedente e classe morfológica – verbo e não-verbo) e nas variáveis sociais (gênero, faixa etária e escolaridade).

Para visualização, segue a abaixo um quadro com informações dos quatro informantes. A organização se dá pelas seguintes atribuições: F/M (masculino e feminino) para sexo/gênero, C/S para escolaridade (C equivale a ensino médio e S, para ensino superior) e numerais para idade (faixa etária 1: 25 a 35 anos e faixa etária 2: 36 a 50 anos). E, GO para Goiás. Além disso, foi usado pseudônimos para os informantes. A codificação também segue as estabelecidas por Bernardes (2020).

Quadro 1 - Informantes do *Corpus* de Bernardes (2020)

Sexo/gênero	Escolaridade	Idade	Código
M	C	28 anos	GOMC28 – Tácio
F	C	45 anos	GOFC45 – Lúcia
M	S	35 anos	GOFS35 – Maria
F	S	50 anos	GOFS50 – Mário

Fonte: Bernardes (2020)

Optamos por menos participantes pelo espaço de discussão do artigo, com o objetivo de analisar as ocorrências de forma mais aprofundada. A seguir, partimos para a análise dos dados e discussão dos resultados.

RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção, com base nos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008), apresentamos os resultados obtidos conforme coleta e extração dos dados do *corpus*. Nosso intuito é verificar como se comporta o uso do /R/ em posição de coda



conforme as variáveis linguísticas (contexto fonético precedente e classe morfológica – verbo e não-verbo) e nas variáveis sociais (gênero, faixa etária e escolaridade).

A coleta de dados contou com a extração tanto das ocorrências dos róticos em coda interna quanto externa. No entanto, para este estudo, usaremos somente os resultados obtidos no que diz respeito à coda externa. Segue, na tabela abaixo, os resultados:

Tabela 1: Total de Ocorrência em coda externa

	Ocorrências	%
Retroflexa	17	22
Aspirada	11	14,3
Apagamento	49	63,7
TOTAL	78 ocorrências	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme as ocorrências do /R/ em coda externa provenientes das entrevistas dos quatro informantes, foram obtidas 78 ocorrências: 17 da variante retroflexa (22%), 11 da variante aspirada (14,3%) e 49 de pagamento (63,7%), pois o zero fonético também faz parte da variação. Esse resultado, por meio do número de ocorrências e percentuais, apresenta um panorama geral sobre a variação do /R/ em coda externa.

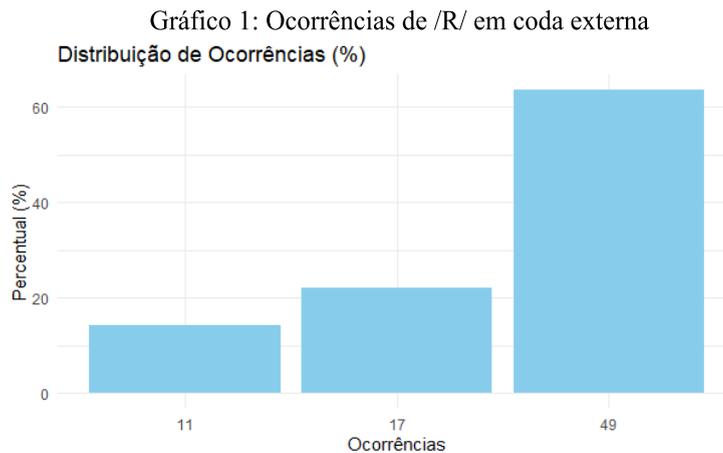
Não nos detemos em descrever todas as variantes do /R/ encontradas na cidade de Goiás. Para fins de análise, consideramos a presença da variante retroflexa, por Goiás estar associado a ela, por uma questão de identidade e pela recorrência. E a aspirada, pela sua predominância em relação aos demais sons. O gráfico abaixo ilustra a proporção para cada variante analisada.



01 a 04 de
OUTUBRO
EVENTO GRATUITO

IV SIELLI

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA



Fonte: Elaborado pelo autor.

O apagamento do rótico em posição de coda externa não é uma novidade dessa pesquisa. Muitos estudiosos como Linares, Peixoto e Moreira (2008) e Callou, Moraes e Leite (1998) e Monaretto (2002) vem demonstrando esses resultados em seus trabalhos, sobretudo no caso de verbos. Em contraponto às ocorrências em coda interna, na qual há poucos casos de apagamento.

Na sequência, vamos analisar algumas ocorrências com base nas variáveis sociais e linguísticas e verificar como se dá a variação do /R/. A análise se deu a partir da distribuição e organização das variantes encontradas, conforme descrita na tabela 1.

VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

Adotamos nesse trabalho, duas variáveis linguísticas: contexto fonético precedente e classe morfológica. A primeira se refere à tonicidade no núcleo da sílaba que contém o rótico. Ela pode funcionar como vogal oral ou nasalizada. Veremos como esses sons se comportam e qual influência deles para a realização do /r/ retroflexo e para o aspirado, assim como para os apagamentos.

Como mostrado acima, foram 17 ocorrências da variante retroflexa. Diante disso, alguns sons vocálicos foram recorrentes e podem ter contribuído para a realização dessa variante. O contexto fonético precedente com o [o] e [ɔ] apareceu mais vezes, em 6 palavras, sendo elas:



01 a 04 de
OUTUBRO
EVENTO GRATUITO

IV SIELLI

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA

- (1) [...] acho que hoje meu **melhor** amigo (GOMC28 – Tácio)
- (2) [...] quando cê sai daqui pra uma cidade maior (GOFC45 – Lúcia)
- (3) [...] mais envolvido com a capoeira dele ele é professor tal (GOFC45 – Lúcia)
- (4) [...] mas dizer que aquele tempo era **melhor** do que hoje (GOFSS35 – Maria)
- (5) [...] era um **senhor** que era amigo meu (GOFSS50 – Mário)
- (6) Trabalhando aqui no computador e aqui na sala ao lado (GOFSS35 – Maria)

Em todos esses trechos, os sons [o] e [ɔ] vieram seguidos da variante retroflexa. Ricardo (2022) aponta em seu trabalho, ao citar Monaretto (1997), que as maiores porcentagens de sons retroflexos aparecem depois de vogais dorsais, tanto centrais quanto posteriores, quando comparado a vogais coronais. Assim, isso pode explicar o favorecimento da variante retroflexa.

No que diz respeito à variante aspirada, extraídas 11 ocorrências, as vogais que ocupam o contexto fonético precedente oscilaram entre o [e] e o [o], além de não haver presença de vogais altas como [i] e [u], o que sugere uma preferência por vogais médias nesse ambiente específico.

Nessa conjuntura, quando passamos a analisar a variável classe morfológica, na qual dividimos em dois grupos: verbos e não-verbos, temos os seguintes resultados.

Tabela 2 - Ocorrências do /R/ em coda externa: Variável classe morfológica

	Retroflexo (%)	Aspirado (%)	Apagamento (%)
Verbos	17,65	54,55	93,48
Não-verbos	82,35	45,45	6,52

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os dados organizados na tabela acima revelam o que outrora apontamos, em consonância com Linares, Peixoto e Moreira (2008) e Callou, Moraes e Leite (1998) e Monaretto (2002), sobre o cancelamento do rótico em coda externa nos verbos (93,48%). Além disso, chama a atenção a presença da variante retroflexa nos não-verbos, tendo sido encontradas em 14 das 17 ocorrências (82,35%). Mais que isso, a prevalência do retroflexo na palavra *melhor*, realizada 5 vezes na fala dos informantes.



Ricardo (2022), em seu estudo sobre o rótico retroflexo na região metropolitana de Porto Alegre, também encontrou condições semelhantes. Dentre as palavras escolhidas para sua pesquisa, que ela chamou de itens funcionais, lá estava, também, a palavra *melhor*. Em sua análise, essa palavra apresentou uma porcentagem de 30,6% das ocorrências da variante retroflexa, o que foi considerado um valor alto, considerando o contexto e as outras palavras.

VARIÁVEIS SOCIAIS

No que se refere às variáveis sociais e com o intuito de analisar a variação do /R/ em coda externa, foram levados em consideração três categorias sociodemográficas: sexo/gênero, nível de escolaridade e faixa etária.

De acordo com Labov (2008), quando nos referimos à influência da variável sexo/gênero, percebe-se que a mulher é mais flexível ao processo de mudança linguística e, também, no uso de variantes de maior prestígio. Isso se deve ao fato de que as mulheres tendem a ser mais sensíveis às normas sociais e, frequentemente, adotam formas de fala associadas a um status social mais elevado, contribuindo para a difusão de novas variantes prestigiadas em comunidades linguísticas.

as mulheres são mais sensíveis do que os homens aos valores sociolinguísticos explícitos. Mesmo quando usam as formas mais extremas de uma variável sociolinguística em avanço em sua fala casual, as mulheres se corrigem mais nitidamente do que os homens nos contextos formais. (Labov, 2008, p. 282).

Observemos os resultados abaixo sobre a influência do sexo/gênero nos nossos resultados.

Tabela 3 - Ocorrências do /R/ em coda externa: Variável Social – Sexo/gênero

	Retroflexo (%)	Aspirado (%)	Apagamento (%)
Masculino	29,41	27,27	34,69
Feminino	70,59	72,73	65,31

Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme expostos na tabela acima, verificamos que os resultados não coadunam com as ideias de Labov (2008), pois o sexo/gênero feminino possui o maior percentual de apagamentos do



rótico em coda externa (65,31%), indicando uma ausência de tendência de autocorreção. Dessa forma, em relação aos homens (34,69%), que apresentam uma taxa significativamente menor de apagamentos, os dados sugerem que o comportamento linguístico feminino não segue o padrão esperado de maior prestígio e autocorreção associado a variantes menos prestigiosas, conforme discutido pelo autor.

Da mesma forma, acontece com as ocorrências do retroflexo sendo mais frequente nas falas das mulheres (70,59%), o que não era, também, esperado. Assim, esse fenômeno pode ser explicado por uma possível dinâmica sociolinguística específica da comunidade de fala, no caso, Cidade de Goiás. A escolha por preservar marcas linguísticas com o intuito de manter uma identidade histórica e cultural.

No que diz respeito à variável nível de escolaridade, temos os seguintes resultados:

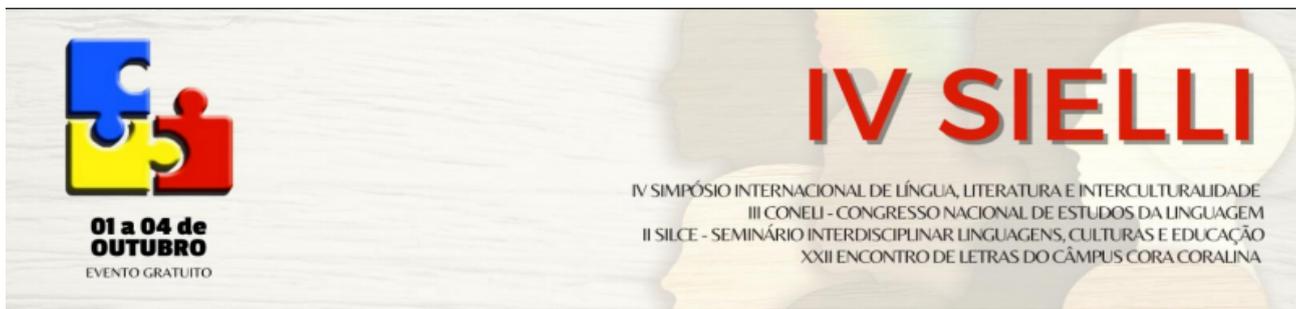
Tabela 4 - Ocorrências do /R/ em coda externa: Variável Social – nível de escolaridade

	Realização do /R/ (%)	Apagamento (%)
Médio	42,86	53,06
Superior	57,14	46,94

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nessa variável, analisamos a realização ou cancelamento do rótico em posição de coda externa. Decidimos aglutinar os dados das variantes róticas e aspirada, pois, dessa forma facilitaria a análise. Conforme tabela 4, houve mais ocorrências de /r/ em coda externa na fala dos informantes de ensino superior, total de 16/38 (57,14%), em relação aos informantes de ensino médio 12/38 (42,14%). Por outro lado, os informantes de ensino médio apagaram mais os róticos (53,06%) que os de ensino superior (46,94%) em coda externa. Com isso, verifica-se que quanto maior o nível de escolaridade, mais possibilidade de realização do /R/.

Monaretto (2000) em seu trabalho *O apagamento da vibrante simples nas capitais do sul do Brasil*, aponta que os falantes com menor grau de instrução tendem a apagar com mais frequência o /R/ em coda externa. Embora sejam regiões diferentes, essa característica também pode ser



observada em nossa análise. Assim, a variável escolaridade influencia na variação do rótico em coda externa.

No que tange à variável faixa etária, seguem os seguintes resultados:

Tabela 5 - Ocorrências do /R/ em coda externa: Variável Social – faixa etária

	Realização do /R/ (%)	Apagamento (%)
Faixa etária 1	60,71	69,39
Faixa etária 2	39,29	30,61

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na tabela acima, os resultados foram distribuídos conforme as faixas etárias: faixa etária 1: 25 a 35 anos e faixa etária 2: 36 a 50 anos. E, da mesma forma que a anterior, os dados das variantes rótica e aspirada foram aglutinadas. Com base nisso, observa-se que os informantes de menos idade tendem a apagar mais o /R/ em coda externa, 34/49 (69,39%), pois, o que corrobora com Monaretto (2000, p. 283), “falantes mais jovens implicam altas taxas de apagamento”.

Outro dado que chama atenção é o percentual de realização do rótico (retroflexo ou aspirado), em 17/29 (60,71%) dos falantes mais jovens em relação aos mais velhos, o que pode gerar certa contradição. Dessa forma, não podemos dizer que a faixa etária favorece a realização do /R/ em sua totalidade.

Assim, após analisarmos e discutirmos os dados sobre a variação dos róticos em coda externa na variedade de fala de cidade de Goiás, partimos para as considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo analisar como os róticos se comportam em coda externa numa amostra de falas da comunidade de cidade de Goiás e verificar quais fatores linguísticos e extralinguísticos operam nessas variações. As análises buscaram compreender os seus usos com base na frequência de ocorrências e os contextos socioculturais dos falantes.



A variação do /R/ é assunto muito estudado no português brasileiro, devido à sua multiplicidade de características linguísticas. Em cada comunidade de fala é possível encontrar particularidades, aliadas a aspectos sociais, culturais e regionais que influenciam a produção e a percepção desse som. As diferenças na realização do /R/ podem refletir fatores como a educação, o status socioeconômico, e a identidade dos falantes.

Dessa forma, o estudo da variação desse som na cidade de Goiás visa contribuir com as pesquisas relacionadas ao falar goiano, ao passo que colabora para uma construção de identidade linguística do povo vilaboense. Utilizando-se dos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista, foram discutidos os resultados da análise de dados (entrevistas de quatro informantes), conforme as variáveis linguísticas e sociais, sobre a variação do /R/ em coda externa na cidade de Goiás.

Com isso, verificamos os seguintes resultados obtidos por meio da análise dessa pequena amostra:

- 1) O apagamento do /R/ é mais recorrente em coda externa, do que em coda interna;
- 2) Após o apagamento, a variante retroflexa aparece mais vezes nos resultados, 22%;
- 3) Os sons [o] e [ɔ] colaboraram para a realização da variante retroflexa nessa amostra de dados. Apareceram de forma mais proeminente, o que confirma o que fora apontado por Ricardo (2022) e Monaretto (1992);
- 4) O cancelamento dos róticos em coda externa nos verbos é predominante (93,48%) do que nos não-verbos (6,52%);
- 5) Ainda que as mulheres sejam mais sensíveis a utilizar a variante prestigiosa, de acordo Labov (2008), não foi encontrado isso em nossas análises, pelo contrário. Pode-se pensar, nesse caso, numa possível manutenção de marcas linguísticas locais;
- 6) Os informantes com menor nível de escolaridade apresentaram maior percentual de apagamento (53,06%), conforme, também, os estudos de Monaretto (2000) e Ricardo (2022);
- 7) Os jovens tendem a cancelar mais o rótico (69,39%). Isso pode ser dá ao fato do uso recorrente de marcas de coloquialidade própria de uma geração;



Com isso, percebe-se que a variação do /R/ na cidade de Goiás revela uma complexa interação entre fatores linguísticos e sociais. O apagamento do /R/ em coda externa e a predominância do retroflexo nas posições analisadas indicam padrões consistentes com a literatura existente, ao mesmo tempo em que destacam particularidades locais.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Hucitec, 1976. (Edição original: 1920).

BERNARDES, Patrícia Mendanha. **A variação de segunda pessoa do singular na cidade de goiás: você e cê sob um olhar sociolinguístico**. 2020. 116f. **Dissertação** (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2021.

CALLOU, D.; MORAES, J. A.; LEITE, Y. **Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil**. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). Gramática do português falado. Vol. VI: desenvolvimentos. Campinas: Editora da Unicamp, p. 465-493, 1996.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João A. **Apagamento do /R/ final no Dialeto Carioca: um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real**. *DELTA* vol.14, número especial, p. 61-72, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300006. Acesso em 09 de jul. de 2024.

CARDOSO, S. et al. **Atlas linguístico do Brasil**, v. 2 (Cartas linguísticas). Londrina: EDUEL, 2014.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LADEFOGED, P; MADDIESON, I. **The sounds of the word's language**. Oxford: Backwell, 1996.

LINARES, A. B. B; PEIXOTO, C. R; MOREIRA, T. **Apagamento do /R/ em final de palavras: um estudo comparativo entre falantes do nível culto e do nível popular**. Disponível em <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VIII/apagamento_do_r.pdf>. Acesso em 14/08/2024.

MADDIESON, I. **Patterns of Sounds**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.



MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. O paulistano no mapa sociolinguístico brasileiro. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 56, n. 3, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4942>. Acesso em: 11 jul. 2024.

MONARETTO, V. N. de O. **A vibrante: representação e análise sociolinguística**. 1992. Dissertação (Mestrado em Letras - Linguística Aplicada) - Faculdade de Letras, Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

MONARETTO, V. N. **O apagamento da vibrante pós-vocálica nas Capitais do sul do Brasil**. In: Letras de Hoje. Vol. 35, nº 1, p. 275-286, 2000. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14768/9834> . Acesso em 18 ago. 2024.

MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. **A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre**. EdIPUCRS. Porto Alegre: 2002.

PAIVA, V. L. M. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019. p. 7-15.

RICARDO, J. O rótico retroflexo na Região Metropolitana de Porto Alegre: análise variacionista. 2022. 124f. **Dissertação** (Mestrado em Teoria e Análise Linguística). UFRS, 2022.

SILVA, Thaís Cristóforo. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos** e Curitiba, UFPR, v. 18, p. 13-46, 2013.